

Este artigo é uma reflexão ética introdutória da realidade antropológica do processo do envelhecimento humano. O abraçar a finitude e temporalidade humana, elementos constitutivos de nosso ser, é condição para que cresçamos em sabedoria e descubramos os idosos como nossos mestres, bem como tenhamos a visão de que o processo de envelhecer não é simplesmente um caminho para as trevas (dependência, privações, fim), mas pode e deve ser visto e vivido como um caminho para a luz (plenitude, sabedoria, renascimento). A partilha solidária de nossa condição humana é a condição sine qua non que propiciará um cuidado solidário que resgata a dignidade do ser que envelhece e que tem que se defrontar com sua própria mortalidade, seu próprio fim.

Envelhecimento e dignidade humana

Alguns apontamentos

*“O anoitecer da vida deve também possuir um significado próprio, e não pode ser apenas um apêndice lamentável do amanhecer da vida”
(Carl Jung)*

Leo Pessini¹

¹ Camiliano, Doutor em Teologia Moral/bioética, coordenador do núcleo de estudos e pesquisa em Bioética do Centro Universitário São Camilo em São Paulo, autor de várias obras na área da pastoral da saúde e bioética, entre outras: *Distanásia: até quando prolongar a vida*, Editora do Centro Universitário S. Camilo/Edições Loyola; *Problemas atuais de Bioética*. 6 ed., edições Loyola, 2002.



Introduzindo

Nesta reflexão vamos seguir as intuições fundamentais da obra de Henri Nouwen, *Aging: the fulfillment of life* (Envelhecer: a plenitude da vida), pois estamos diante de um dos maiores escritores de espiritualidade cristã do Século XX e que somente agora está sendo descoberto em terras brasileiras com a tradução de sua volumosa obra.

Nosso itinerário se inicia com algumas questões de cunho antropológico, relacionadas com a dimensão da temporalidade e finitude humanas. Somente numa chave de leitura de sabedoria nos colocamos frente à possibilidade de descobrir os idosos como nossos mestres. Avancamos pontualizando que o envelhecimento é um processo que pode ser visto como um caminho para as trevas, mas deve ser descoberto e vivido como sendo um caminho para a luz. A aceitação do próprio processo de envelhecimento é que abrirá as portas para o cuidado solidário, bem como o enfrentamento digno do momento final da vida.

1 Envelhecemos e somos finitos

Envelhecer é um processo natural do crescimento do ser humano, que se inicia com o nascimento e termina com a morte. Consequentemente, uma filosofia do envelhecer deve começar com uma filosofia do ser humano, que inclua, entre outros, os seguintes pontos fundamentais:

Cada ser humano é uma pessoa única, desde o primeiro momento da vida. A vida toda de crescimento e experiência forma um todo irrepetível. Viver não é pura e simplesmente existir, mas desfrutar qualidade de vida, desenvolvendo as potencialidades inerentes ao ser.

Embora o ser humano não escolha a hora de nascer ou morrer, estes dois momentos fundamentais, nascimento e morte, dão sentido ao seu viver e exigem cuidados especiais. O ser humano é um todo uno, integrado e organizado. Todos os seus sentidos, emoções e órgãos do corpo estão intimamente inter-relacionados. Com a idade, mudanças na aparência e comportamento acontecem, mas não devem diminuir o valor da pessoa humana, sua razão de viver e habilidade de aprender.

O ser humano não é algo estático, mas profundamente dinâmico; ele está num constante processo de mudança, e sua idade é uma questão de percepção e atitudes. A idade, portanto, é relativa. Cada fase do viver apresenta mudanças que são respostas a determinadas tensões no curso da vida. Como resultado destas transformações e mudanças, acontecem perdas e ganhos. Os motivos para tais mudanças são identificados diversamente, como a necessidade de segurança, resposta, reconhecimento e novas experiências. Como percebemos, estas necessidades são comuns a todo ser humano.



A preocupação para como os idosos não é diferente da preocupação pela vida em si. Nossa filosofia de vida afeta diretamente os pensamentos, comportamentos e atitudes em relação ao idoso. Tal comportamento é altamente indicativo do valor que damos à vida humana em si mesma. Uma filosofia do envelhecimento deve levar em conta as perdas pelas quais os idosos passam: a antecipação da morte, os mitos e preconceitos de que são vítimas, bem como as riquezas e potencialidades de que são portadores. Durante toda a vida, as pessoas devem aprender a adaptar-se às sucessivas e múltiplas transformações. À medida que as pessoas envelhecem, elas diminuem proporcionalmente sua perspectiva de vida. Elas com frequência não se orientam mais pelo futuro, mas contam seus dias a partir daqueles vividos. Essa diferença básica de visão entre o jovem e o idoso faz com que o primeiro reaja de uma forma ameaçadora quando o último fala da morte. Consequentemente, o idoso pode sentir-se rejeitado. Os idosos podem desejar morrer antes de experimentar gradualmente a diminuição das forças e energias. Seu desejo de morrer frequentemente é uma resposta à solidão e isolamento que lhes são impostos.

2 A dimensão da temporalidade da vida humana

A compreensão do sentido do ser idoso deve ser colocada no contexto dos seres humanos como seres históricos e temporais: o processo de acumular anos, do qual o idoso é uma parte e expressão concreta no tempo. Ser gente é estar situado no tempo. A temporalidade é constitutiva da existência humana. Se o acumular anos fosse somente uma série de momentos atômicos, então poderíamos escolher os que nos são mais significativos e o período final da velhice não teria sentido. Hoje, estamos descobrindo o valor e tendo uma compreensão mais positiva da temporalidade humana.

Devemos confrontar os que elegem somente uma parte de suas vidas como significativa, pela compreensão positiva do tempo (passado, presente e futuro). Ninguém pode decidir qual parte da temporalidade é a única fonte de sentido da existência. Hoje, se afirma que todo o significado da vida nasce do eterno presente jovem.

Os humanos não são simplesmente vítimas da velhice; esta não é uma experiência puramente passiva. Pelo contrário, envelhecer requer auto-posseção e integração quanto qualquer outro estágio da vida, tal como a adolescência, na juventude ou idade adulta.

A velhice terá um sentido no fim, somente se a vida tem um sentido no seu todo. O inevitável é que, nos últimos anos, existe uma perda, diminuição dos talentos e capacidades. Deve-se encontrar um novo sentido de vida que sustente tal experiência, uma ressignificação. Frequentemente, entendemos a velhice como



direcionada para a morte, mas não devemos esquecer que ela é também direcionada para o crescimento. Muitos só conseguem ver a vida como um todo, na velhice.

3 Os idosos são nossos mestres

O processo de envelhecer é a gradual plenificação do ciclo da vida. Ele não precisa ser escondido ou negado, mas deve ser compreendido, afirmado e experimentado como um processo de crescimento pelo qual o mistério da vida lentamente se nos revela. Sem a presença dos idosos, poderíamos esquecer que estamos envelhecendo. Eles são os nossos *profetas*, no sentido de que nos lembram que o que vemos tão claramente neles é um processo do qual todos, sem exceção participamos.

Muito já se escreveu sobre o idoso, sobre seus problemas físicos, mentais, afetivos, espirituais. Muito se tem falado a respeito da triste situação de abandono em que se encontram milhares deles, principalmente nos países pobres. Existe um perigo nesta ênfase unilateral sobre os sofrimentos dos idosos. Podemos começar a pensar que tornar-se idoso é o mesmo que ser um problema. Trata-se de um destino triste do qual ninguém pode escapar, e que deve ser evitado a todo custo. Além disso, crescer em direção ao fim do ciclo da vida é uma realidade mórbida e que deve ser reconhecida somente quando os sinais não podem ser mais negados. Não é preciso ir longe dentro desta perspectiva e sentir que toda a nossa preocupação para com os idosos é semelhante ao dar esmola, com a consciência culposa.

Para muitas pessoas, o envelhecer está intimamente ligado ao medo e sofrimento. Milhões são deixados sozinhos, e o fim do seu ciclo da vida torna-se uma fonte de amargura, desespero e solidão. Existem muitas causas e explicações que levam a esta situação lamentável, mas, subjacente a todas elas, existe a tentação de tornar o processo de envelhecer um problema do idoso e negar nossa solidariedade humana básica neste processo. Talvez estejamos tentando arduamente silenciar a voz daqueles que nos lembram de nosso próprio destino e que se tornam nossos críticos implacáveis, pela sua simples presença e existência em nosso meio.

Portanto, nossa primeira e mais importante missão é permitir que o idoso seja nosso mestre novamente, e restaurar a comunicação interrompida entre as gerações. Falando dos idosos como nossos mestres, lembramos do que eles nos falam a respeito dos perigos, bem como das possibilidades do processo de envelhecer; eles nos mostrarão que o envelhecer não é somente uma jornada de perdas em direção às trevas do fim, mas pode ser, diria até que deve ser, uma caminhada para a luz. Imperioso também é deixar que os idosos nos curem de nossas tendências separatistas e nos ajudem a entrarmos num contato mais íntimo com o nosso próprio processo de envelhecer. Acreditamos que o processo de acrescentar anos à vida, especialmente na velhice, é tão cheio de promessas, que pode levar-nos a descobrir



mais tesouros da vida. Acreditamos que o envelhecer não é um motivo para o desespero, mas a base para a esperança; não um lento declínio, mas um processo de maturação gradual; não um destino ao qual temos de nos submeter, mas uma chance preciosa a mais de crescimento que deve ser abraçada.

4 O envelhecer como caminho para as trevas

“Ser idoso, para muitos, causa mais medo do que a própria morte”, diz Simone de Beauvoir. Nossa cultura da obsolescência programada trata os idosos como algo descartável. O que faz os idosos se sentirem ostracizados? Temos a segregação, a desolação e a perda do eu.

A segregação – acontece em toda e qualquer situação em que o ser se torna subordinado ao ter. Vivemos um contexto sócio-político-econômico de civilização em que o ser é menos valorizado do que o ter.

A desolação – significa a ruptura com a própria história, quebra dos laços familiares, um desnudamento social. Aqui explode a solidão, expressa em vivas memórias dos tempos quando se vivia alegremente entre amigos e parentes! E agora... só recordações!

A perda do eu – é a mais destrutiva forma de rejeição. É o ostracismo interior em que o idoso não somente sente que não tem mais valor numa sociedade pragmática de resultados, do fazer, do lucro, mas se sente expropriado de sua própria auto-estima, sentimentos e valores. Nesta situação cruel, a pessoa pode dizer como Ben Sirach: *“Ó morte, tua sentença é bem-vinda para o miserável e privado de suas forças, para o que chegou a uma velhice avançada, agitado por preocupações, descrente e sem paciência”* (Eclesiástico 41, 3-4).

É provável que a perda do eu se torne mais visível naquele cujas identidades foram absorvidas pelo passado, que encontram pouco ou nada de satisfação no presente, e olham para o futuro como um caminho certo para o nada. Definem-se como sendo “eu sou o que era!”.

Todos estes elementos nos dão uma fotografia profundamente negativa, em que se fica praticamente impossibilitado de ver algo mais no processo de envelhecimento, além de um caminhar para as trevas. Esta é somente uma face da medalha. Precisamos ver a outra face, ou seja, o caminho para a luz!

5 O envelhecer como caminho para a luz

No meio de todas estas trevas (perdas), é possível, repentinamente, encontrar-se um idoso portador de um lindo sorriso, sugerindo que existe algo mais para se ver o conhecer, do que inicialmente se imaginou ou pensou. Alguém que irrompe no nosso mundo e que nos ensina que a vida não é um problema a ser resolvido pela informática, mas um mistério a ser descoberto e vivido no amor, a cada dia.



A escuridão da velhice tem sido até que bem documentada, mas o lado da luz não parece encaixar-se docilmente nos computadores, nas teses de doutorado sobre envelhecimento humano e nos instrumentos de tabulação de nossa sociedade consumista. Muita violência na nossa sociedade está baseada na ilusão de se ver a vida como uma propriedade a ser definida, antes que um dom a ser partilhado solidariamente com outro, na vivência da sabedoria de que “viver é conviver”.

Quando não deixamos mais o idoso ser o sintonizador com o nosso processo de envelhecimento, rapidamente começamos a fazer jogos perigosos de poder, para manter a ilusão de que somos eternamente jovens e imortais. Então não somente a sabedoria do idoso permanece escondida de nós, mas os próprios idosos perderão seu mais profundo entendimento da vida. Quem pode ser mestre, quando não existem mais estudantes desejosos de aprender!?

Quando deixamos de lado nossos temores e nos aproximamos dos idosos, vemos homens e mulheres contando histórias para as crianças, com olhos cheios de admiração. Pensamos no velho João XXIII dando vida para uma Igreja parada no tempo e na história, pensamos em Madre Teresa resgatando esperança para os cacos de gente, doentes e moribundos, despejados nas sarjetas de Calcutá e outras megalópoles do mundo.

Aldous Huxley nos diz: “É duro sentir-se velho. Nós, eu penso – pertencemos àquela minoridade de seres humanos que mantêm a abertura mental e a elasticidade do jovem, enquanto abertos para aproveitar os frutos de uma longa experiência”. *Gastamos muito mais tempo discutindo a respeito dos sofrimentos do envelhecer do que sobre suas possíveis alegrias.* Os idosos são luz e os descobrimos como tais, quando nos aproximamos deles e neles descobrimos a *esperança*, o *humor* e a *visão* dos muitos que envelhecem graciosamente.

Esperança – a jornada para a luz é uma lenta conversão de “desejos” para “esperança”. Desejamos isto ou aquilo e temos esperança “em”. O desejo tem um objeto concreto tal como carro, casa, promoções, riquezas etc. A esperança é uma abertura construída na confiança de que o outro cumprirá suas promessas. A conversão do desejo para a esperança exige um processo lento de desapego, em que estamos desejosos de nos desligar de muitas coisas, pequenas e grandes do mundo, e abrir nossas mãos para o futuro. Esse desapego é que torna a esperança possível e exige uma mudança de percepção do tempo e da morte, por volta da meia-idade. Toda vez que a vida nos desmonta um desejo para mudar de direção, ou redefinir objetivos, toda vez que perdemos um amigo ou quebramos um relacionamento, ou iniciamos um novo plano, somos convidados a abrir nossas perspectivas e tocar, debaixo das ondas superficiais dos nossos desejos diários, as correntes profundas da esperança. Toda vez que somos sacudidos pela vida, somos confrontados com a necessidade de fazer novas partidas. Perguntamo-nos: se isto não acontece nos primeiros anos, podemos aguardar que acontecerá posteriormente, no fim? Quando a esperança crescer, vamos lentamente descobrir que temos valor, não somente pelo que conquistamos, mas principalmente pelo que somos. O que na vida se desgasta pelo uso pode, por outro lado, ganhar em profundidade e sentido.



Esta realidade pode ser mais bem expressa por uma parábola taoísta, que nos fala de um carpinteiro e seu aprendiz, que viram um enorme carvalho, muito velho e cheio de nós. O carpinteiro diz ao seu aprendiz: ... “Você sabe porque esta árvore é tão grande e velha? O aprendiz respondeu: Não... por quê? O carpinteiro respondeu: ... Porque ela é inútil. Se fosse útil, já teria sido cortada e usada para se fazer camas, mesas e cadeiras. Mas, porque é sem serventia, lhe foi dada a chance de crescer. Isto é o porquê de ela, agora, ser tão grande que você pode até descansar nas suas sombras...” Quando o valor desta árvore tornou-se ela própria, então estava livre para crescer para a luz. Este é o poder da esperança.

Humor – Os idosos freqüentemente enchem a casa com bom humor, e fazem até os altos executivos e intelectuais, sisudos, sentarem e simplesmente rirem, descobrindo que o bom humor e o sorriso é um grande dom.

Um dia, uma importante diplomata se ajoelhou perante o Papa João XXIII, beijou seu anel e disse: “Obrigada, Santo Padre, pela linda encíclica *Pacem in Terris* que o Senhor deu ao mundo”. O Papa olhou-a com um sorriso e lhe respondeu: “Oh, você também leu?” Outro dia, quando alguém lhe perguntou quantas pessoas trabalhavam no Vaticano, ele pensou um pouco e disse: “*Penso que a metade*”.

O humor é uma grande virtude, porque nos faz ver a nós mesmos e ao mundo, não tão demasiado sisudamente. Ele faz a morte estar presente em cada momento da vida, não como uma intrusa mórbida, mas como um lembrete gentil da nossa fragilidade, finitude e contingência das coisas.

Visão – Esperanças e humor nos dão uma nova visão da vida e das coisas. Freqüentemente encontramos idosos olhando para além dos limites de sua própria existência, em direção à luz que parece envolvê-los com carinho e bondade.

Scott-Macwell descreve sua vida, na velhice, e pode nos dar uma pista neste sentido. Diz ele: “*Uma longa vida me faz sentir mais perto da verdade; não dá para dizer em palavras, como então transmiti-la? Eu não posso e quero. Eu quero dizer às pessoas que estão se aproximando e talvez temendo a velhice, que ela é um tempo de descoberta. Se eles perguntarem: “de quê?”, eu somente posso responder: “Devemos, cada um de nós, descobrir por nós mesmos, pois de outra maneira não seria uma descoberta*”.

A visão que cresce com a idade nos liberta das limitações do próprio eu. Ela nos convida a nos entregarmos, confiantes e sem medo, ao processo em que a distinção entre a vida e a morte, paulatinamente perde seu poder de amedrontar e causar sofrimentos.

6 O cuidado junto aos idosos

Cuidar dos idosos significa antes de tudo entrar em contato com o nosso próprio processo de envelhecimento. Trata-se de sentir a dimensão do tempo, realidade nos constituindo como ser, e estar consciente dos movimentos do ciclo da vida.

Somente quando entramos em solidariedade com o processo de



envelhecimento, e falamos de uma experiência comum, podemos ajudar os outros a descobrirem a liberdade da velhice. O cuidado no contexto do envelhecimento, neste sentido, no seu primeiro movimento, é um encontro com nós mesmos no processo, antes de irmos até os outros. Como podemos estar presentes junto aos idosos, quando escondemos e negamos nosso próprio processo?

Nossa primeira questão não é como ser de ajuda para os idosos, mas como permitir que os idosos entrem no centro de nossas vidas, como criar espaço, para que eles possam ser ouvidos. Frequentemente, nossa preocupação em ensinar ou curar nos previne de perceber e receber o que eles nos oferecem.

Dar espaço ao idoso em nosso próprio ser não é uma tarefa fácil. A velhice está escondida não somente dos nossos olhos, mas muito mais dos nossos sentimentos. No mais profundo de nós mesmos, vivemos a ilusão de que sempre seremos os mesmos. Nossa tendência não é de somente a negar a existência real do idoso, mas também o idoso que está despertando dentro do nosso próprio ser. Ele é um estranho e, como todo desconhecido, nos incute medo.

Cuidar dos idosos significa, acima de tudo, deixar-nos experimentar pelo envelhecer. Somente quem reconheceu a relatividade de sua própria vida pode ter um sorriso para alguém que se está aproximando da morte. Neste sentido, cuidado! É primeiramente no caminho de nosso próprio envelhecimento que encontramos as forças para todos os que partilham a mesma condição humana.

É verdade que os idosos necessitam de uma porção de ajudas práticas, porém mais significativo é alguém que lhes ofereça seu próprio processo gracioso de envelhecimento, como fonte de cuidado. Quando damos espaço para o idoso se tornar vivo no centro de nossa própria experiência, o “estranho”, o “intruso”, transforma-se em parte do nosso ser, o amigo esperado que se sente à vontade em nossa própria casa.

Destacaria duas características importantes nesse processo de cuidar: *a pobreza e a compaixão*. Vejamos o que significa pobreza. Ser pobre significa assumir a qualidade do coração que nos faz assumir a vida, não como uma propriedade a ser defendida, mas como um dom a ser partilhado. É a constante vontade de dizer adeus ao ontem e ir para frente em busca do novo, de experiências desconhecidas. É a compreensão interior de que horas, semanas e anos não nos pertencem, mas são lembretes gentis do nosso chamado de dar a própria vida, aos que nos seguirão e tomarão nosso lugar. Como posso criar espaço com o idoso, quando não quero ser lembrado de minha própria história e mortalidade, que me tornam um simples viajante no universo, como todo mundo? Cuidar dos idosos significa permitir-lhes que nos desfaçam a ilusão de que criamos nossa própria vida e que nada e ninguém nos pode tirá-la.

A compaixão faz com que possamos superar o medo do “velho estranho” e convidá-lo a ser o hospede de honra de nossa própria intimidade. A compaixão nos faz ver a beleza da vida e o resgate da dignidade no meio da miséria, cria esperança no meio da dor. A compaixão não tira a dor e a agonia de caminharmos para a velhice, mas nos oferece um lugar em que a fraqueza é transformada em força. Ela



nos faz lutar para um estilo de vida em que as gerações são colocadas em contato umas com as outras, de uma forma criativa. Quando ao redor de nós não existe mais o mundo que nos lembre de onde viemos e para onde vamos, então estamos à beira de um precipício.

7 O idoso e a morte

Isolamos, ignoramos e escondemos aqueles que concretamente mais de perto são uma lembrança viva do que todos vamos ter que enfrentar um dia, a morte. Talvez seja por isso que a morte nos assuste tanto!

A atitude cultural de nosso tempo tende a transformar a morte-mistério em morte-problema. Segundo o filósofo Gabriel Marcel, *“problema é algo que se encontra, que barra o caminho. Fica na minha frente, no seu conjunto. Mistério, pelo contrário, é algo no qual eu mesmo estou implicado, e por isso não está diante de mim no seu conjunto”*.

Esta tendência de as pessoas de hoje considerarem a morte como algo que não faz parte da experiência da vida se manifesta numa série de iniciativas socioculturais, que visam afastar a morte da vida social de cada dia. Geoffrey Gorer, um sociólogo britânico, demonstrou como a morte tornou-se um tabu, e como o século XX substituiu o sexo como principal interdito: “Antigamente, dizia-se às crianças que se nascia dentro de um repolho ou que a cegonha trazia, mas elas assistiam à grande cena das despedidas, à cabeceira do doente moribundo. Hoje, são iniciadas desde a mais tenra idade na fisiologia do amor, mas, quando não vêem mais o avô e se surpreendem, alguém diz que ele repousa num belo jardim, por entre as flores”

A morte é sempre algo muito pessoal. Responder aos medos e às condições humanas da pessoa na fase final da vida sempre envolve responder a nós mesmos. Enfrentamos continuamente tensões dentro de nós: estar em sintonia com o significado da morte em nós, bem como ser empaticamente sensível e, além disso, ser capaz de manter nosso equilíbrio psíquico e objetividade, de modo que possamos responder às necessidades da pessoa que está prestes a se despedir da vida. Procuramos o inimigo e o encontramos dentro de nós! Poderíamos perguntar: que espécie de idoso serei, se tiver a chance de sê-lo? A resposta a essa pergunta depende muito do tipo de pessoa que sou agora e como vivo e estou enfrentando a dimensão da finitude e mortalidade humanas no cotidiano da vida.

Algumas considerações finais

Sobram muitos desafios! O apelo fundamental situa-se na valorização do ser. Muito mais importante que acrescentar anos à vida é acrescentar vida aos anos. Algumas perguntas são inevitáveis e teremos que respondê-las ao longo da vida: 1) Como *ser mais* no processo de envelhecimento, quando, à primeira vista, é



uma trajetória certa para o *ser menos*? 2) Como enfrentar o desafio da busca dramática de um sentido de vida, neste momento particular da vida carregada de anos, quando o tudo parece sem sentido ou significado, numa sociedade que esconde, marginalizada, escamoteia o idoso e também o processo do morrer? 3) Como ver a morte como um estágio final de crescimento e não simplesmente a redução ao não-existir, ao não-ser, ao nada? 4) Educação para o ser, preparação para o envelhecimento saudável: como agir frente a uma sociedade em que o fazer e o ter são absolutizados?

O envelhecer e o morrer estão na trilha do ser, e somos unilateralmente manipulados, educados para o ter e o fazer. A sabedoria que é refletida nos raios de luz do entardecer da vida não teria algo a nos dizer sobre isto?

Nossa sociedade cultiva o mito da eterna juventude, de um lado, e incrementa a obsolescência programada de outro. Acaba marginalizando os idosos como feios, seres improdutivos e os joga em asilos ou em fundos de quintais, descartando-os como um produto perecível qualquer. Somos eternos aprendizes na escola do tempo da vida a partir das luzes do entardecer, na sabedoria que brota da experiência que entende a vida não como um problema a ser resolvido nos circuitos requintados da eletrônica digital, mas como um mistério a ser descoberto e partilhado na gratuidade do amor a cada dia. Este é o segredo do envelhecer de uma forma graciosa, elegante e digna e com saúde, que mais que acrescentar anos à vida acrescenta vida aos anos!

Bibliografia

- BECKER, Arthur H. **Ministry with older persons: a guide for clergy and congregations**. Minneapolis, Augsburg Publishing House, 1986, 220 págs.
- BIANCHI, Eugente C. **Aging as spiritual journey**. New York, Crossroad Publishing, 1985, 196 págs.
- DICIONÁRIO INTERDISCIPLINAR DA PASTORAL DA SAÚDE**. Camilianum. Instituto Internazionale di Teologia Pastorale Sanitária. Centro Universitário São Camilo/ Editora Paulus, 2000. Cf. especialmente os verbetes *Envelhecer no Brasil* – Maria Auxiliadora Cursino Ferrari, p. 388-394; *Idoso- abordagem pastoral* – Massimo Petrini, p. 620-624.
- HADDAD, Eneida Gonçalves de Macedo. **A ideologia da velhice**. São Paulo, Cortez, 1985, 134 págs.
- KASTEMBAUM, Robert. **Velhice: anos de plenitude**. São Paulo, Harper & Row do Brasil, 1981, 128 págs.
- NOUWEN, Henri J.M. & GAFFNEY, Walter J. **Aging: the fulfillment of life**. New York, Image Books, 1976, 86 págs. (Trad. para o português, *Envelhecer: a plenitude da vida*, Paulinas, São Paulo, 2000).
- PESSINI, *Dignidade no outono da vida*, in **O Mundo da Saúde**, v. 23, n. 4 jul./ago.1999, p. 195-196.
- PATTISON, E. Mansell. **The experience of dying**. New Jersey, Prentice-Hall, 1977, 335 págs.
- SCHOTSMANS, Paul, *A vida como plenitude: contribuição dos idosos para uma civilização digna do homem*, in **O Mundo da Saúde**, v. 23, n. 4 jul./ago.1999, p. 245-251.